

Aldeia Tapirapé, 8 de Agosto de 1972

Queridos Luiz e Eunice e...

Estamos aqui na paz e tranquilidade do Tapirapé, Pedro, Canuto, Ilda e Moura, com as Irmãzinhas Abigail, Genevieve-Helene e Maria Olídia. Pedro e Canuto em visita de dois dias, Moura e Ilda, de um mês, para, como vocês sabem, "suntar" um pouco o trabalho de vocês para o ano que vem.

Embora estejam aqui há poucos dias, Ilda e Moura puderam já sentir alguma coisa, e achamos todos que seria bom ir comunicando isso a vocês. É verdade que, no fim deste mês, após ter estado com os Tapirapé o tempo previsto para esse contato-pesquisa-levantamento básico, se fará um tipo de relatório, que será enviado a vocês.

Mas, de qualquer forma, vai, à prestação, o que já se está sentindo e pensando.

1. Urgiu, com muito mais força, ultimamente, a necessidade de a Missão - a Prelazia - ter aqui professores, mais ou menos - mais do que menos - estáveis. Após algumas tentativas do Pe. Francisco, com pessoal um pouco improvisado, e mesmo uma promessa da FUNAI, as coisas ficaram como estavam, isto é, os Tapirapé sem escola, e c/ aquela tremenda vontade de estudar. Uma necessidade que, mesmo não tendo sido absolutamente espontânea - pode, inconscientemente, ser uma imitação do comportamento "tori" - e, ao menos, legítima. É, se manifestada por eles, deve ser atendida. Por se pretender essa estabilidade dos professores, preferiu-se não se começar nada agora, fazendo-se apenas este levantamento, para entrar "pra valer" em 73. Os Tapirapé têm compreendido bem isso, porque sentiram a desvantagem da escola tantas vezes iniciada e interrompida, e têm correspondido a nossos propósitos de pesquisa e contato, manifestando muita boa vontade e carinho.

2. A FUNAI, naturalmente, não está vindo sem preocupação nossa presença aqui, devido principalmente às acusações, quando do "caso Santa Terezinha", de que os Tapirapé haviam sido aliciados, pelo Pe. Francisco, para ajudar na famosa "guerrilha". A dois km. daqui, na barra do rio Tapirapé, está a casa da FUNAI, dentro da aldeia Karajá. Estão lá um chefe-de-posto e um atendente de saúde. Está sendo contruída pela FUNAI a nova sede do posto, com escola e outras dependências. Inicialmente se faria a sede administrativa, vindo depois o restante. Por enquanto, foram feitos apenas os alicerces. Esse posto atenderia as duas aldeias, Tapirapé e Karajá, já que ambas estão dentro da circunscrição do "Posto Indígena Tapirapé", subordinada ao "Parque Indígena do Araguaia". Por isso mesmo, esta sendo contruída exatamente no meio da distância entre uma e outra aldeia. Os Tapirapé, pelo que estamos sentindo, não se manifestam dispostos a sair daqui da aldeia para estudar no Posto.

3. Começou há dois dias um curso de formação de professores Karajá. Esta sendo ministrado na aldeia Karajá de Macsubag, na Ilha do Bananal, em frente a Santa Terezinha, para índios Karajá, futuros professores em suas aldeias, de todo o Parque Indígena do Araguaia, que compreende a Ilha do Bananal e esta parte do Mato Grosso, onde estão as duas aldeias do PI Tapirapé. Deste PI, foi enviado um Karajá. Queriam enviar mais para esse treinamento, mas exigia-se q. o candidato a professor falasse Tapirapé, éigo Karajá e Português, e fosse já alfabetizado. Esse último requisito não permitiu que fossem mais Karajá da aldeia da barra do Tapirapé. Não foi nenhum Tapirapé, porque não há nenhum que fale bem o Karajá, e tb. nenhum alfabetizado.

4. O referido curso está sendo dado pelo Rev. Davi, ^{advogado} advogado, professor da Univ. de Brasília, grande linguista, especialista em língua Karajá, que elaborou uma cartilha para esses índios, e tb. traduziu alguns livros da Bíblia para o Karajá. Sendo o curso de Karajá, para Karajá, se vê que, mesmo que algum Tapirape / preenchesse os requisitos, não interessaria, para eles, esse curso. A formação de professores (bastante limitados, quanto a uma base pedagógica, mas possuidores da pedagogia natural de serem da mesma raça e falarem o mesmo idioma que seus alunos) indígenas, obedece à ideologia da FUNAI, de tornar o índio agente de seu "desenvolvimento", isto é, que ele preste os serviços necessários dentro da FUNAI no lugar do "civilizado". Assim, o selvagem (...) é promovido, e a FUNAI não precisa gastar dinheiro com uma folha de pagamento que seria bastante mais elevada se os empregados fossem todos "civilizados".

5. Vê-se que a FUNAI não tem condições de colocar uma escola, ou uma classe, para os Tapirape. Isso porque: a) a própria FUNAI exige que a alfabetização do índio seja bilíngüe - no caso, Tapirape e Português - e não existe ninguém que domine simultaneamente os dois idiomas; b) existe cartilha karajá, mas isso não interessa aos Tapirape, e vai contra o próprio princípio da FUNAI; c) a Missão é quem ainda tem a maior quantidade de dados - incl. linguísticos, - para a elaboração de uma alfabetização dos Tapirape.

6. Quanto a isso, contamos com os estudos da Irmãzinha Mayo-Baptiste, já feitos e ainda a fazer. No momento, essa Irmãzinha está em tratamento, mas seu regresso à aldeia é esperado para breve. Igualmente, uma grande linguista e admiradora dos Tapirape, aqui esteve e manifestou-se disposta a voltar, e dar sua contribuição para a elaboração de uma gramática Tapirapé. Foi ela, - IONE, incl., quem orientou a Irmã Mayo-Baptiste. Em tempo: o Tapirape é uma tribo da família Tupi - a língua Tapirape decorre, portanto, da língua-geral Tupi, enquanto o Karajá é um grupo indígena - e uma língua - a parte, diferente do Tupi. É muito mais fácil que o Tapirape.

7. Nesse pouco tempo que Ilda e Moura estarão aqui não poderão, é claro, fazer um estudo completo sobre tudo o que é e seria necessário em termos de educação. A alfabetização bilíngüe, inclusive, é algo que mesmo nós, da Missão, não temos condições de iniciar em 73. O ideal seria vocês dois passarem aqui o ano de 73, vivendo, conhecendo, aprendendo, estudando, com os próprios Tapirape, com a Irmã Mayo-Baptiste, com a linguista Ione e sob a supervisão do Pe. Adalberto (este do CIMI: Conselho Indigenista Missionário) e do Prof. Egon Schaden (pb., como Adalberto, antropólogo; professor da USP). Em 74, vocês já poderiam dominar relativamente bem o Tapirape, para um trabalho realmente eficiente - e bilíngüe.

8. Mas os Tapirapé querem - e nós prometemos - escola em 73. Então se tem escola. Enquanto vocês vão vivendo e conhecendo, lecionam - basicamente em português, com alguma coisa de Tapirapé, bem simples. Concretamente: Ilda e Moura elaborariam um tipo de cartilha, que refletisse os temas do mundo Tapirapé, com palavras expressivas desses temas, em ordem de progressão de dificuldades fonêmicas. Paralelamente, se ensinaria a grafia e leitura de palavras tapirapé que tivessem os mesmos fonemas que a língua portuguesa. Ainda não se entraria, é claro, na construção de frases em Tapirapé, que é exatamente o mais difícil. Ainda se está pensando em ensinar-se, nesse primeiro ano - ou primeiro semestre - de contemporização, algumas coisas de Português mesmo. Isso porque o contato do Tapirapé com o tori é bem menor que o do Karajá, p.ex.; e, por isso e pela própria complexidade da língua Tapirapé, o Tapirapé fala bastante mal o português. A saber: não distingue masculino de feminino; não usa o plural; não distingue pessoas de verbos, nem ao menos, eu de ele (ex.: eu fala; vágáposso, etc.); tem dificuldade de pronunciar determinados fonemas (de, p.ex. ga, etc.); traduz literalmente do Tapirapé para o português, as frases, com construções em hiperbatos, que proporcionam coisas assim: "Menino mordeu cachorro", etc.; uma introdução ao uso, em português, dos artigos definidos e indefi-

nidos, e das preposições mais comuns. Etc. etc etc.

9. Essas e outras idéias, são as que surgiram até o momento. Como Ilda e Moura ficarão aqui até dia 25 pf., mais ou menos, muita coisa mais será pensada. E tudo será devidamente comunicado a vocês. Por enquanto, essa primeira comunicação. O envio do livro do Baldus - ler devagar, e maçudo, mas tudo interessa - e da lista dos nomes dos Tapirape, para vocês já irem aprendendo. E a dica de que vocês precisariam, talvez, dar uma profundada em linguística geral, ou língua tupi, para facilitar o aprendizado, a sistematização e posteriormente o ensino do Tapirape.

Algumas observações sobre os costumes, organização, sistema de vida, etc., do Tapirape, numa atualização do Baldus, procuraremos fazer e enviar. Mas o conhecimento deles, mesmo, vocês terão quando estiverem aqui e, sobretudo, orientados, bastante, no início, pelas Irmãzinhas, que este ano completam 20 anos de Tapirape e da Fraternidade no Brasil.

Escrevam contando as novidades, perspectivas e expectativas. Saibam, entretanto, que as Irmãzinhas, a Prelazia, e principalmente os Tapirape, já contam com vocês, certamente.

Um grande abraço e as saudades dos seus

amigos e irmãos,

PEDRO, CANUTO

ILDA, MOURA

SERVIÇO DE RADIO COMUNICAÇÃO

Número de Expedição 1092 QTR EXP. 2100

DATA - 2/3/72

Recebido
PAULO / RIBEIRO

RADIOGRAMA

CAPITÃO MOACIR COUTO

DELEGADO REGIONAL DE POLÍCIA

BARRA DO GARÇAS, MT

(18)

4

Preâmbulo: CAPITÃO MOACIR DO COUTO

24/GAB DE 2/ MARÇO/ 72 VERIFIQUE E INFORME

SITUAÇÃO INDIOS ENVOLVIDOS QUESTÃO SANTA TEREZINHA ESPECIFICANDO EFETIVO
E ATUAÇÃO DOS MESMOS PT

SAUDAÇÕES

CEL.PM IVO ABUQUERQUE

RESP. SECRETARIA SEGURANÇA PÚBLICA

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA MILITAR
2º BATALHÃO POLICIAL MILITAR

REQUISIÇÃO

Ao Sr.
Padre Antonio Canuto
Responsável pela Casa Paroquial
Nesta

Sr. Padres:

Requisito de V. Sa. os documentos fiscais comprobatórios da operação de aquisição de mercadorias, referentes aos meses de novembro e dezembro de 71, janeiro e fevereiro e março do corrente, para efeito de verificação.

Outrossim, como enviado especial da Fundação Nacional do Índio, com os poderes de representação do Sr. Delegado Regional da 5ª Delegacia Regional, requisito o barco (avoadeira) de propriedade dessa missão, para uma viagem à aldeia tapirapé. O barco deverá vir com o piloto e combustível suficiente para essa viagem.

Os documentos e o barco serão devolvidos tão logo sejam desocupados.

Santa Teresinha, 09/03/1972.

Gilberto Cardoso da Rosa.
Aux. Técnico de Indigenismo I
Enviado Especial

Parque funciona a partir do dia 2 de janeiro de 1972.

Francisco Eimard Pessoa Evangelista - Diretor do Parque Nacional do Araguaia.

Postos: Santa Isabel - Pontoura - Macauba - Tapirapuá - Daniana da Cunha - Canuaçu.

Problemas de terras: Macauba - Tapirapuá.

Os civilizados dos povoados vão continuar, bem como os criadores de gado.

Vai tentar incorporar Luclara ao Parque.

Há varios projetos em andamento: Rizicultura, Criação de gado, Construção de casas para os índios, a partir de Santa Isabel (está incluído no projeto a construção de uma capela).

Os índios trabalham nos projetos. Os projetos são criados para os índios. Os que trabalham ganham 10,00 cruzeiros por dia. Há varios trabalhando no projeto de rizicultura, na criação de gado, na serraria, na oficina mecânica, no hospital, na guarda indígena.

Acha que a guarda não será desenvolvida. Ficará como está.

Há pessoal de Brasília trabalhando sobretudo no projeto de tributação da ocupação da terra do Parque.

Serão instalados radios em todos os postos.

Em cada posto deve haver 5 elementos: 1 chefe, um professora, um atendente sanitario,

Acerta de boa vontade em deixar contribuição que damos. Poderemos mesmo apresentar pessoal para trabalhar. Professores, por exemplo, no caso do parque mesmo seria assinado contrato com eles.

Mostrou-se muito atencioso e acessível. Mentalizado quanto ao problema terras. Com dificuldade em aceitar os antropólogos. Envolvido pelo sistema de integração... Desenvolvementista.

Também gab de funcionario do hospital: Há verba de 340,000,00 para o hospital.

Incompleto de funcionario da serraria: Ilha é prisão pois não há possibilidade de locomoção. Hospital não pode atender pois não tem remédios. Recebo Cr\$ 750,00 por mês. Todos os gastos correm por sua conta. Não pode beber nada de alcoolico. Não há nenhuma loja. Nem armazem. Tudo tem que ser comprado em S. Felix. Não há transporte para lá.

S. Felix. 4.2.72.

Equipe Indígena da Colônia de Santa Isabel